

Autor: Coutto

Entre os homens só há uma raça, a humana.



Somos todos macacos, e, como é sabido, nossos ancestrais primatas evoluíram, muito provavelmente, desde o Australopitecos afarensis, a conhecida Lucy, o primeiro macaco bípede, derivando em muitas espécies, das quais só restou uma, o Homo sapiens sapiens, nós, bem entendido; tendo todas as outras, inclusive os outros Homo, sido extintas. Homo sapiens é a única espécie do gênero Homo.

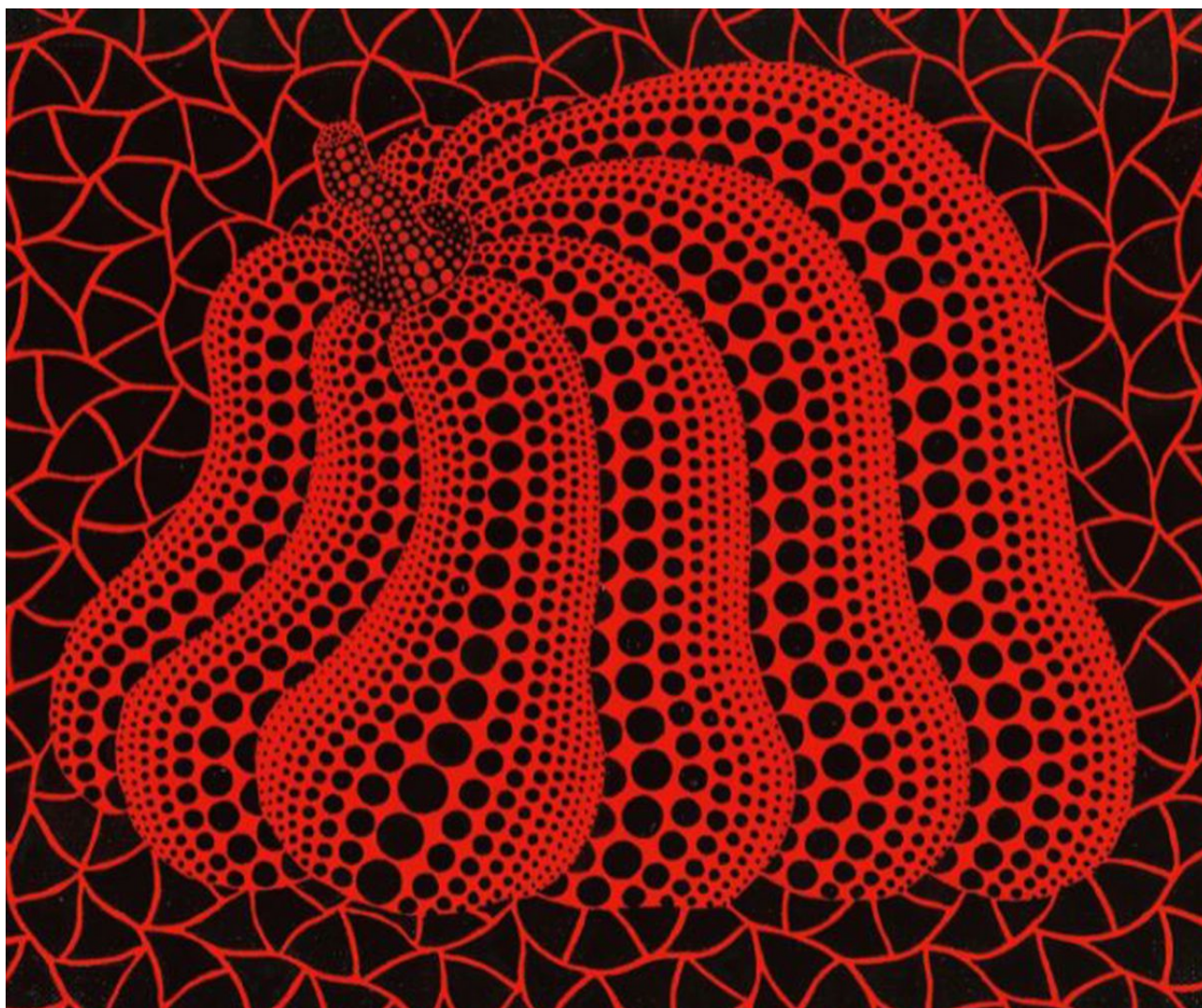


Entretanto na Natureza ocorrem variações como resposta, além da evolutiva em outras espécies ou sub-espécies, por exemplo as variações de padrões como respostas alternativas às pressões ambientais de vária ordem, desde as sexuais, necessárias à perpetuação da espécie [hoje nos humanos é muito reduzido qualquer dimorfismo de natureza sexual, mas em Artrópoda, por exemplo, este é muito acentuado, ocorrendo em quase todos os insetos muitas variações dimórficas sexuais, que são bem visíveis e vincadas] até às respostas aos padrões climatológicos, acentuadamente demarcadas com características adaptativas às variações de latitude, como resposta às diferentes radiações ultravioleta (Esta a razão de haver diferentes pigmentações cutâneas – latitudes mais altas = pele mais clara, latitudes mais baixas = peles mais escuras – o receptor melanocortina [hormônios peptídeos] atuam nessas respostas.) o que tem repercussão alelomórfica, com taxas de mutações variáveis, e com diversos polimorfismos. No entanto não há diferenças genéticas significativas (ref. Geneticista Alan Templeton).



Macho e fêmea de Ornithoptera croesus.

Dada esta gama de variações, historicamente buscou-se o conceito de raça para estabelecer uma categorização biológica que se consolidasse como taxonômica, pela evidente relação fenotípica entre a herança ancestral e os nossos genes, mas que não passa daí, apenas uma relação, que por ser muito visível dá-se-lhe importância que não tem, criando uma divisão em grupos, do mesmo modo que os sanguíneos, mas é só isso. NESSE ENTENDIMENTO NÃO PODERÁ HAVER MAIOR EQUÍVOCO, duplo aliás. É como a peta que nos prega todos os dias o Sol “ao percorrer os céus”, fazendo-nos crer no Geocentrismo em lugar do Heliocentrismo real, nossos olhos nos enganam, mas este equívoco está resolvido há 400 anos graças ao genial florentino. Já o equívoco de existirem raças humanas, como a maioria de nós terá estudado no colégio, e que ainda permanece na cabeça de alguns, é absolutamente inadmissível e disparatado depois de que Craig Ventel, em abril de 2000, sequenciou o genoma humano, revelando, para além de qualquer dúvida razoável, que somos todos de uma mesma “raça”, de uma mesma espécie, todos nós os humanos que por cá andamos. O outro equívoco é de que este conceito possa continuar a ser usado em Biologia como uma possível noção de “esclarecimento”, ou “explicação”, seja do que for, e pior ainda em Sociologia como reflexo de uma taxonomia absurda e inexistente (Siga-se a recomendação publicada na Science Vol 351, issue 6273, de 5/2/2016 págs 564 e 565.) equívoco que, refletindo-se no léxico, faz com que a parte do vocabulário cujas palavras e expressões envolvam ou derivem da palavra raça, deva ter suas definições urgentemente alteradas, posto que palavras como racismo, racista, e ‘racé’ para os humanos, baseiam-se num conceito sem o menor fundamento científico.



ENTROPIA PSICODÉLICA.

O antropomorfismo condicionado de diferentes etnias, faz com que exacerbem as reações do cérebro reptiliano à similitude, ou diferenciação entre grupos, estabelecendo associações positivas e negativas, conforme o caso. É muito reveladora a experiência desenvolvida no Chile pelo Neurologista Facundo Emame, fazendo-nos crer, à primeira vista, que esse impulso associativo é biológico. Dr. Emame colocou eletrodos em milhares de Mapuches, mostrando-lhes fotos de diferentes grupos sociais, a resposta foi quase instantânea, com o cérebro apercebendo-se imediatamente se faziam parte de sua etnia ou não. E de forma preconceituosa associava a imagem a algo positivo se sim, se fossem de sua etnia, e a algo negativo em caso contrário.

É plenamente compreensível, face a História da Humanidade, que dêem-se essas associações, posto que deve-se sempre identificar o inimigo, e que devemos sempre estar precavidos, mas esta reação

comportamental fica-se pela individualidade cultural, posto que, com o grupo, em sociedade, temos de aceitar os outros, diferentes que sejam, e os temos de aceitar como iguais, uma vez que não há sub-espécies humanas, caso contrário entramos no reino da entropia, e entropia psicodélica, porque as relações humanas são as da aceitação do diferente, e diferente em todos os sentidos, não agir assim é disseminar o caos, é perturbar a ordem da Natureza no que ela tem de mais profundo e abrangente: sua diversidade.

Abandonando a conceituação hipocrática, que tanto, ao longo de 3 milênios, tem servido aos preconceitos “Claros = valentes X Escuros = covardes”, sem esquecer que o oposto também tem servido de elemento motivador de repulsa, com declararam achar os chineses aos europeus, bem como os indianos, por sua vez, no mesmo diapasão, o que em nada impediu milhões de cruzamentos, a que gostavam de chamar inter-específicos ou inter-raciais, também duas rematadas tolices preconceituosas, que ainda hoje se mantêm e propalam.

DISSONÂNCIA “ÚTIL”, OU AGRADÁVEL.

Como lamentavelmente o número de preconceituosos de toda ordem permanece em percentual significativo, ainda que sempre bem minoritário, devemos ter em atenção os disparates difundidos, e combatê-los, como São Paulo na segunda carta a Timóteo nos ensina, e nunca nos arredarmos da luz da ciência que deve iluminar nossos corações, posto que um dislate, por mais repetido que seja, nunca se tornará sensato, nem uma mentira, verdade.

Data de Publicação: 21-02-2022